

Esquecimento do ser e superação da tradição metafísica**Edson Ribeiro de Lima (PET – UFPR)**Orientador: Alexandre Gomes Pereira*

*Tu, meu amigo, és solitário porque...
Nós, com palavras e gestos de nossos dedos
Nos apropriamos aos poucos do mundo,
Talvez de sua parte mais fraca, mais perigosa.*

Rainer Maria Rilke

Esta comunicação pretende uma aproximação de um tema que, se por um lado está implícito em toda a obra de Heidegger, por outro possui um tratamento singular no livro *Introdução à Metafísica*: esquecimento do ser e seu modo de articulação no acontecer da filosofia. A singularidade do tratamento da questão reside no estranhamento em relação à própria questão que assim legitima o seu levantamento através de uma disposição, ou predisposição, ao discurso filosófico. Porém, de que modo o princípio, numa obra filosófica relaciona-se como seu desenvolvimento? Pois o princípio parece estender-se ao longo de todo o discurso filosófico de maneira que não é abandonado após principiar, mas antes mantém a tensão necessária para que a coisa dita permaneça em seu dizer. A pergunta que a *Introdução à Metafísica* de saída coloca parece instaurar uma cisão entre o antes e o depois de seu começo, pois evoca a perplexidade típica do discurso filosófico ao questionar algo que, à primeira vista, nos parece tão distante e que, no entanto, diz respeito às nossas vivências mais próximas. Somente a estranheza e a força da questão nos faz mudar de um antes em que o mundo possui seu sentido totalmente definido para um agora em que as coisas parecem perder seu peso próprio.

A pergunta “por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” assim ouvida, subverte todo o ordinário no qual estamos envolvidos e torna-se a primeira em importância e dignidade. E, segundo Heidegger, três são os motivos pelos quais ela assim se coloca: primeiramente por ser a mais vasta, isto é, abrange todos os entes, em segundo lugar por ser a mais profunda e, por último, por ser a mais originária das questões. Por ser a mais vasta de todas as questões ela não se assenta sobre nenhum ente em específico. Em *Ser e Tempo* a analítica existencial gira em torno do ente designado como “ser-aí” o homem, que devido ao seu caráter de abertura pré-compreensiva de ser pode colocar a questão sobre o sentido ou verdade do ser em geral. Na *Introdução à Metafísica*, porém, a investigação sobre o sentido do ser em seu raio ilimitado de abrangência, perde mesmo a referência fundamental ao homem, como o texto nos diz: “Apenas um dentre eles (os entes) sempre de novo se insinua estranhamente: o homem, que investiga a questão. Não obstante, não está em questão nenhum ente em particular. Um elefante numa floresta virgem da Índia é tão bem um ente, quanto um fenômeno de combustão química no planeta Marte ou qualquer outra coisa.” (*Introdução à Metafísica* pág. 35). Com isto não afirmamos, todavia, que

se trata de um abandono da tarefa exposta em *Ser e Tempo*, ao contrário após o esforço de destruição da metafísica da tradição e sua compreensão “substancialista” da realidade pode-se investigar a gênese do real desde seu puro movimento de aparecimento¹. O real nos aparece, “desde sempre”, como uma série de entes em um constante movimento de ser, isto é, sendo. O caráter de movimento do real é apreendido desde a articulação, no discurso, de um ente com outro formando o seu sentido. O “desde sempre” ao qual acabamos de nos referir instala de imediato a questão no sem-tempo da filosofia que, no mais, constitui a parada propícia à investigação. “O que se acha fora do tempo, terá seu próprio tempo” (*Introdução à Metafísica* pág. 39). E neste sentido dissolve-se, no pensamento, a distância que poderia nos separar de Kant, Descartes ou mesmo Aristóteles. O pensamento de Aristóteles, enquanto o acontecer (*geschehen*) de um pensamento que vige no modo de ser do ocidente é um passado ainda presente e não se dá no modo de um fato, já feito, que teria ficado para trás em seu começo, acontecido num intervalo de tempo cronológico. Com efeito a tradição da filosofia, vista sob a perspectiva do acontecer da história (*Geschichte*) do pensamento não se paralisa num passado que já não mais diz respeito ao modo como vivemos. Assim, o sentido de “superação” indicado no título desta comunicação, se pensado a partir da dinâmica mesma do acontecer do pensamento, não se refere a um deixar para trás, a um abandonar ou ainda a um melhoramento que se pudesse alcançar logo que a metafísica entendida em seu sentido tradicional como subjetividade e objetividade² do mundo fosse ultrapassada. Superação aponta para a tematização entre ser e ente e sua pertinência no que se refere à clareira, ou abertura, na qual o mundo se dá...

Falávamos anteriormente sobre a amplitude da questão sobre o ente. Mas a amplitude da questão precisa nos conduzir à profundidade da questão, de acordo com o que Heidegger afirma sobre sua importância.

A questão que pergunta pelo fundamento move-se no âmbito próprio da diferença entre ser e ente. O “porquê” da investigação relaciona-se com o fundamento enquanto não está interessado em um aspecto ou outro do ente, mas ao procurar pelo fundamento retira-se do ente como instância particular para pensá-lo na totalidade, quer dizer, o ser desde o qual o ente é. Permanecendo no âmbito da questão resta indeterminado o caráter próprio que pode possuir tal fundamento: “Sendo, porém, uma questão, fica aberto se o fundo (*Grund*) é um fundamento originário (*Urgrund*), verdadeiramente fundante, que produz fundação; ou se ele nega qualquer fundação e é assim um abismo (*Abgrund*)”. O fundamento pode, ainda, não ser uma coisa nem outra, mas somente um simulacro de fundamento (*Ungrund*). A “superação” (*Überwindung*) situa-se nesta volta (*Windung*), que a partir do ente investiga o ser não o pensando como mais um ente, ainda que tal fosse o ente supremo. Se o ser fosse também ele próprio um ente, teríamos que um ente decorreria de outro numa relação de causa e efeito “*ad infinitum*”... Logo o fundamento não pode ser investigado como causa (*Ur-sache*), pois correremos o risco, ao fazê-lo, de cairmos na compreensão que deposita o sentido do mundo numa região ontológica supra-sensível, afastada do que se nos apresenta no real e que subsiste em-si, para tanto atentemos para a semelhança existente entre causa e coisa. A causa seria uma espécie de coisa

originária da qual nascem todas as outras e, sendo assim, uma vez mais poderíamos perguntar: de onde vem a coisa? Perderíamos com isso o sentido próprio de fundamento que impulsiona a nossa questão. Dentro desta caracterização, a história da metafísica pode ser vista como o desenrolar do esquecimento do ser (*Seinsvergessenheit*), porque sempre pensou o ser como mais um ente, como algo que de algum modo é. A superação poderia ter lugar quando o ser fosse visado como o que não é, como um não-ente. Entretanto o esquecimento é o que sempre de novo se dá quando o ser investigamos, isto ocorre porque o ser é condição de aparecimento dos entes e não se dá senão indiretamente. O que desvela acaba por se velar. "O que, em sua essência, é necessariamente tema de uma demonstração explícita? Justo o que não se mostra diretamente e na maioria das vezes e sim se mantém velado frente ao que se mostra diretamente e na maioria das vezes a ponto de constituir o seu sentido e fundamento" (*Ser e Tempo*, parágrafo 7 pág. 66). Com efeito, o que permanece velado não é este ou aquele ente, e sim o ser dos entes, alvo da interrogação e que lhe oferece impulso ao ser novamente interrogado. O velar e o desvelar do ser estão na base de todo questionamento filosófico que procura pelo fundamento do ente na totalidade.

Nietzsche afirma, em *Crepúsculo dos Ídolos*, que conceitos como o "ser" são a última fumaça da realidade evaporante, um erro que nasce do fato de os filósofos darem primazia a um mundo de fábulas em detrimento do "mundo verdadeiro" que experimentamos. Repousa sob esta crítica, ou mesmo destruição, a constatação de que a metafísica da tradição submeteu o mundo que se mostra, que aparece, ao mundo idealizado onde o ser estaria livre das determinações do devir³. A destruição nietzschiana exprime bem o processo de identificação entre ser e ente, a entificação sob a forma de uma instância absoluta e estática, que em seu modo próprio barra justamente a diversidade ou multiplicidade do real em suas formas. Pois o movimento, para se efetivar, necessita de uma fonte também em movimento: o sendo para vigorar enquanto tal necessita do ser para que seu movimento não se esgote. Esta situação do pensamento de Nietzsche caracteriza o acabamento que a metafísica realiza na existência histórica do ocidente, bem como, posteriormente, a realização de sua essência no espírito da técnica moderna. Como em um grande dia da história do ocidente assistimos ao nascimento da filosofia na manhã pré-socrática e sua essencialização na "noite da era atômica" Porque isto que se entende por natureza, natureza "pegável" tão cara à técnica, foi designado pela primeira vez pelos gregos como *phýsis*. Não obstante, aquilo que *phýsis* significa não se adapta ao que se compreende corriqueiramente por natureza.

A *phýsis*, por sua vez, refere-se a tudo que brota desde si mesmo, a tudo que é (ente); o ente na totalidade não é identificado imediatamente aos fenômenos naturais. "Os gregos não experimentaram o que seja a *phýsis* nos fenômenos naturais. Muito pelo contrário: por força de uma experiência fundamental do ser, facultada pela poesia e pelo pensamento, se lhes desvelou o que haviam de chamar *phýsis*". Assim a *phýsis* identifica-se com o ser, "o vigor reinante que brota e permanece". com aquilo que se mostra desde si mesmo. A metafísica, se procurarmos compreendê-la como o que trata da *phýsis* em seu sentido, não deveria referir-se a qualquer instância não-mundana, uma vez que o não-mundano é justamente o que nunca se mostra.

No entanto se a investigação filosófica visa o ser do ente enquanto abertura por que sempre de novo é ele esquecido? A abertura do ser compreende a articulação dos entes através de um discurso (*lógos*) que podemos remeter ao “desde sempre” do pensamento que está “já” imerso no mundo e preso ao seu sentido, ser. Porém em que se funda este sentido? Percebemos então que a metafísica, compreendida em seu sentido da tradição, falha. Se todo o alvo de sua investigação ao longo da história foi encontrar para além das aparências o ser verdadeiro, em um processo de “substancialização” que é principiado já a partir da interpretação da filosofia de Aristóteles sua falha parece se confirmar. Porém, o esquecimento do ser pode ser visto como correspondente à falha constitutiva do próprio pensar: o pensamento sempre falha e a metafísica é a expressão mais elevada desta falha que insiste em dizer o começo de todas as coisas. A predisposição que nos leva a empreender o discurso sobre o mundo, a partir do qual o mundo é sempre a nova tentativa de dizer de onde as coisas vêm...

BIBLIOGRAFIA

- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Introdução à Metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro de Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- _____. *A Tese de Kant Sobre o Ser*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

NOTAS

* Este texto, com exceção de alguns trechos omitidos, foi apresentado no IV Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da USP.

¹ É preciso destacar aqui a importância da fenomenologia – sem no entanto nos prendermos à explicitação do modo singular pelo qual esta é compreendida por Heidegger – com possibilitadora de uma nova noção de ontologia que retira seu estatuto de autenticidade, e possibilidade, da relação com os entes em seu movimento de aparecimento, “em si mesmos”

² Subjetividade e objetividade são apontados aqui apenas como exemplo da dicotomia metafísica que separa consciência e mundo e impõe que a realidade seja pensada “coisalmente” dentro do âmbito da concepção de verdade como adequação entre intelecto e coisa.

³ O conceito de ser não representa algo “real” que pudesse relacionar-se com a idéia ingênua de objeto da natureza, entre outras. Podemos lembrar, a título de ilustração, a interpretação heideggeriana da *Crítica da Razão Pura* na conferência *A Tese de Kant Sobre o Ser*, onde ser é identificado à posição (*Setzung*) de uma coisa, sem com ela confundir-se, e a “certas determinações em si mesmas”